

# Mensagens sobre Avivamento

## VII. Avivamentos bíblicos - Jesus

O avivamento que começou com João Batista continuou com Jesus, ainda mais poderoso, perfeito e exemplar, como nunca antes. Continuou? Não exatamente! Os avivamentos ou despertamentos religiosos ocorridos no Velho Testamento e o de João, no início do Novo Testamento foram amostras do avivamento de Jesus. Além disso, ao contrário de Moisés, Josué, Samuel e alguns dos reis de Israel, Jesus não foi propriamente um *instrumento* de avivamento; ele foi o *autor* do maior de todos os avivamentos. E tem mais: mesmo depois de sua ascensão aos céus, ele continua avivando sua igreja, agora através do Espírito Santo. Os avivamentos do Velho Testamento, e mesmo o de João, foram apenas “*sombras da realidade futura, e o próprio Cristo é essa realidade*” (CI 2.17). Os avivamentos históricos posteriores têm sido sempre *re-avivamentos*, necessários somente porque a igreja de Jesus Cristo não tem permanecido no espírito do *Avivamento de Jesus*.

### A vida avivada de Jesus

Estudando os avivamentos bíblicos, destacamos o papel dos líderes espirituais naqueles avivamentos. Vimos como Deus os usou e como eles inspiraram seus liderados com pregações fortes, desafiadoras e, sobretudo, com exemplo de vida. Mas eles não foram perfeitos... Jesus, porém, foi perfeito, absolutamente santo; levou multidões a um verdadeiro avivamento pessoal inspirando-as com seu exemplo e ensino. Ninguém melhor do que ele, então, para nos mostrar como podemos experimentar um avivamento bíblico e duradouro; não só experimentar, mas difundir.

1. Jesus cresceu “em sabedoria, em estatura e no favor de Deus e das pessoas”. Enquanto criança, adolescente e jovem, em casa com os pais, “Ihes era obediente” (Lc 2:51-52). Mesmo na cruz, proveu proteção e cuidado para a mãe viúva (Jo 19:26-27).
2. Jesus conhecia, vivia e pregava a Palavra de Deus. Aos 12 anos, ele impressionou os doutores da Lei com suas perguntas e também com suas respostas (Lc 2:42-49). Ele resistia às tentações citando as Escrituras (Mt 4); suas pregações eram recheadas de citações das Escrituras. Pregava com a autoridade de quem vive o que prega (Mt 7:28-29).
3. Jesus era um homem de oração. “... se retirava para lugares solitários, a fim de orar” (Lc 5:16). R.A Torrey, com propriedade, diz:

*“As palavras 'orar' e 'oração' são usadas pelo menos vinte e cinco vezes em relação a nosso Senhor no breve registro da sua vida nos quatro evangelhos, e sua oração é mencionada em lugares onde essas palavras não são usadas.*

*Evidentemente a oração tomou muito do tempo e da energia de Jesus, e o homem ou mulher que não passa muito tempo em oração, não pode ser adequadamente chamado de seguidor de Jesus Cristo”.*

4. Em sua encarnação, como homem, Jesus foi ungido pelo Espírito Santo e cheio do Espírito (Mt 4.1; Lc 4.16-21). Ele vivia o chamado *“fruto do Espírito”* - amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio (Gl 5:22). Compadecia-se das pessoas e das multidões. Em Mt 9.35, por.ex., está escrito: *“Jesus andava por toda as cidades e todos os povoados da região, ensinando nas sinagogas, anunciando as boas novas do reino e curando todo tipo de enfermidade e doença”* (Mt 9.35-36).
5. Jesus pregava, ensinava e fazia discípulos (Mt 4:17,18-21; Mc 1.14-19). A despeito da importância da pregação e das multidões que se reuniam para ouvi-lo, ele *“escolheu doze e os chamou seus apóstolos, para que o seguissem e fossem enviados para anunciar sua mensagem”*. A versão Revista e Atualizada diz: *“... para estarem com ele e para os enviar a pregar”* (Mc 3.13-15). O termo *“apóstolos”*, como se sabe, significa enviados. Comumente, depois das grandes reuniões, Jesus se reunia com esses Doze e lhes explicava mais detalhadamente o que havia pregado às multidões (Mc 4.34). A certa altura do seu ministério, retirou-se com eles para lugares mais afastados e fim de ensinar-lhes e treiná-los para darem continuidade ao seu ministério (Mc 7.24).



6. Por fim, lembro que Jesus viveu para servir. Quando entre seus discípulos cresceu a ambição da grandeza ou importância pessoal, ele lhes disse: *“Quem quiser ser o líder entre vocês, que seja servo, e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que se torne escravo. Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, , mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”* (Mt 20. 26-28). Na última Páscoa com os seus discípulos, faltando um servo para o serviço costumeiro de lavar os pés dos hóspedes, Jesus tirou a túnica, cingiu-se com uma toalha, e lavou ele mesmo os pés dos Doze. Quando terminou, disse-lhes: *“Vocês entendem o fiz? Vocês me chamam Mestre e Senhor, e têm razão, porque eu sou. E uma vez que eu, seu Senhor e Mestre, lavei seus pés, vocês devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei um exemplo a ser seguido, faça como eu fiz a vocês”* (Jo 13.12-15).

Na próxima mensagem desta série, veremos que os discípulos de Jesus, não só os Doze, mas muitos outros, de fato, aprenderam muito com seu Mestre e Senhor. No

começo, a igreja, cheia do Espírito e avivada no Pentecostes, pregava o evangelho com poder, vivia o que pregava, amava e servia.

## A pregação evangélica de Jesus

Obviamente, a pregação e o ensino de Jesus foi muito mais poderosa e abrangente que a de João, e radicalmente diferente do ensino dos mestres fariseus, contemporâneos de Jesus. Até onde sabemos, João pregava arrependimento e acerto de vida: *“Arrependam-se... Preparem o caminho para a vida do Senhor! Abram a estrada para ele!”* (Mt 3.2-3). Os mestres fariseus eram orgulhosos, hipócritas e legalistas; somente repetiam o que diziam os intérpretes da Lei, mesmo com graves distorções, e não praticavam o que ensinavam. Jesus, ao contrário, pregava a Palavra com absoluta fidelidade e, com autoridade dizia: *“Vocês ouviram o que foi dito a seus antepassados... Eu, porém, lhes digo...”* (Mt 5.21-22, 27-28 etc.). Não estava substituindo os ensinamentos antigos da Lei, mas dando-lhes profundidade e aplicação. O tema principal de todo o seu ensino foi o Reino de Deus, ou seja, a autoridade de Deus, a vontade de Deus. Vida no Reino de Deus é vida que leva a sério a vontade soberana de Deus e a obedece. Em seu sermão mais famoso, o Sermão do Monte, Jesus ensinou detalhes práticos desta vida. Uma vida verdadeiramente avivada!

Todavia, há algo ainda mais importante na pregação e no ensino de Jesus, uma característica essencial do seu avivamento. João, como vimos, dizia: *“Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo...”* (Mt. 3.2). Jesus também, mas com uma diferença muito significativa. Depois de seu batismo no Jordão e das tentações sofridas no deserto, ele começou a pregar: *“O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e **creiam nas boas novas!**”*. Ou, como lemos na versão Revista e Atualizada: *“O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho”* (Mc 1.14-15). A palavra *“evangelho”* significa *“boas novas”*. Em que boas novas os ouvintes de Jesus deveriam crer? Todas as boas notícias relativas à vida, morte e ressurreição do próprio Jesus. Ele não somente estava provendo exemplo de vida e ensino precioso; ele daria sua vida em resgate por muitos, morreria por seus pecados, e salvaria os que cressem. Os crentes do Velho Testamento, quando avivados, criam nas promessas relativas ao Messias e Salvador que haveria de vir; acreditavam que o Salvador assumiria a culpa de seus pecados e faria expiação por eles, de modo que pudessem ser perdoados e reconciliados com Deus. Os sacrifícios animais feitos nos seus atos de adoração eram tipos ou símbolos do sacrifício de Jesus. Por isso João disse: *“Vejam! É o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”* (Jo 1.29). Os contemporâneos de Jesus que se arrependiam de seus pecados, criam que Jesus era o Messias e Salvador e, de algum modo, faria expiação por seus pecados.

Poderíamos dizer muito mais sobre isto, e este seria um sermão bem evangelístico. Mas minha ênfase nesta mensagem é no avivamento espiritual que ocorre quando as pessoas se **arrependem** sinceramente de seus pecados e **crêem** em Jesus como seu Salvador e Senhor! **Salvador**, porque fez expiação por seus pecados e as

reconcilia com Deus; **Senhor** porque quer dirigir e abençoar suas vidas. Vale lembrar aqui o que Paulo disse ao carcereiro de Filhos quando este perguntou, em meio a uma crise: *“Que devo fazer para que seja salvo?”* Paulo respondeu, sem rodeios: *“Cria no Senhor Jesus, e você e sua família serão salvos”* (At 16.30-31). Acha que é forçar uma interpretação afirmar que naquela mesma noite eclodiu um avivamento naquela casa? É assim mesmo que o avivamento começa em nossa vida e em nossa igreja...

## **Um advertência sobre o avivamento de Jesus**

Não posso concluir esta mensagem sem lembrar uma advertência feita previamente por João Batista sobre o ministério e avivamento de Jesus. Como vimos na mensagem anterior, João preparou o caminho para Jesus chamando as multidões ao arrependimento e exortando-as a acertarem as coisas em suas vidas para receberem Jesus (Mt 3.3).

Um dia, no meio da multidão que vinha ouvi-lo, João viu *“muitos fariseus e saduceus”* (Mt 3.7). Ora, sabemos por várias outras passagens nos quatro evangelhos que estes representantes do Judaísmo tradicional, com raras exceções, eram orgulhosos e hipócritas. João logo percebeu que não estavam arrependidos de nada; tinham vindo só para atralhar ou para fazer vista diante do público, submetendo-se ao seu batismo. Então, com a franqueza que lhe era característica, disse-lhes: “

*“Raça de víboras! Quem os convenceu a fugir da ira que está por vir? Provem por suas ações que vocês se arrependeram. Não pensem que podem dizer uns aos outros: ‘Estamos a salvo, pois somos filhos de Abraão... Agora mesmo o machado do julgamento está pronto para cortar as raízes das árvores. Toda árvore que não produz frutos será cortada e lançada no fogo”* (Mt 3.7-10).

O que João quis dizer com palavras tão fortes? Vamos examinar frase por frase:

- ***“Raça de víboras! Quem lhes deu a ideia de fugir da ira que se aproxima?”*** *Raça de víboras*, obviamente não era um palavrão ou ofensa; era uma metáfora. Numa região árida como aquela nas proximidades do Jordão e do Mar Morto, era comum o mato seco pegar fogo pelo excesso de calor; quando isto acontecia, as serpentes do deserto corriam de um lado para outro tentando escapar do fogo. João estava dizendo àqueles fariseus hipócritas: “Quem lhes deu essa ideia de fugir do fogo da ira ou do juízo de Deus? Não tem como fugir. O único jeito de vocês escaparem é mediante arrependimento sincero. Portanto, *“Dêem fruto que mostre arrependimento”*.”
- ***“Não pensem que podem dizer uns aos outros: ‘Estamos a salvo, pois somos filhos de Abraão...’”*** Ou seja, vocês não escaparão do juízo de Deus alegando sua linhagem abraâmica. Ninguém se salva por ser filho, neto ou descendente de um crente.
- ***“O machado do julgamento está pronto para cortar as raízes das árvores. Toda árvore que não produz frutos será cortada e lançada no fogo”***. Uma tremenda advertência aos que não querem se arrepender e

converter. O “maior do que João”, que viria em seguida, traria salvação, alegria e paz para os que se arrependessem; mas os impenitentes, os que não dão bons frutos, seriam condenados e lançados no fogo do inferno!

Foi então que João acrescentou:

*“Eu batizo com água aqueles que se arrependem. Depois de mim, porém, virá alguém mais poderoso que eu... Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo...”* (Mt 3.11).

Alguns intérpretes entendem que esses dois batismos são para os que crêem, e acontecem posteriormente à conversão, como uma “segunda bênção”. O batismo com o Espírito Santo, dizem, eleva-os a um grau superior de espiritualidade e os capacita com os dons espirituais; o batismo com fogo os purifica. A evidência externa dessa experiência ou “segunda bênção” seria o falar e línguas.

Entretanto, o contexto, como vimos, deixa claro que o batismo *“com o Espírito Santo”* seria para os que se arrependessem dos seus pecados e crescem em Jesus; o batismo *“com fogo”* seria o juízo ou castigo para os que não se arrependessem. Mais provavelmente, o primeiro batismo, o do *Espírito*, seria uma das bênçãos de Jesus em sua primeira vinda; o segundo batismo, com *fogo*, ocorrerá em sua segunda vinda, no final dos tempos.

João tornou tudo isto ainda mais claro, quando, mudando um pouco a metáfora, disse ainda a respeito de Jesus: *“Ele já tem na mão a pá, e com ela separará a palha do trigo... Juntará o trigo no celeiro, mas queimará a palha no fogo que nunca se apaga”* (Mt 3.12).

Vemos, então, que o avivamento liderado por João incluiu uma advertência muito séria aos que ouvem as pregações, testemunham o avivamento, mas não os levam a sério, não se arrependem, não dão frutos que evidenciem verdadeiro arrependimento e verdadeira conversão. Jesus, todo manso e amoroso, quando rejeitado pelos mesmos religiosos hipócritas, disse-lhes a mesma coisa que João lhes tinha dito: *“Que aflição os espera, mestres da lei e fariseus! [Ou “Ai de vocês...”]... Hipócritas! Raça de víboras! Como escaparão do julgamento do inferno?”* (Mt 23.23,33).

Dada a influência anti-avivamento desses líderes religiosos sobre a população de Jerusalém, e a rejeição maciça da cidade aos profetas e ao próprio Messias, Jesus lamentou: *“Jerusalém, Jerusalém, cidade que mata os profetas e apedreja os mensageiros de Deus! Quantas vezes eu quis juntar seus filhos como a galinha protege os pintinhos sob as asas, mas você não deixou. E agora sua casa está abandonada e está deserta...”* (Mt 23.37,38).

Quantas pregações, quantos chamados ao arrependimento, à santificação, à mudança de vida temos ouvido? Quantas oportunidades de vivenciar um genuíno avivamento pessoal e comunitário? Se nos arrendemos e nos convertemos, se levamos Deus a sério, recebemos o batismo do Espírito Santo, no próprio momento da conversão. Tornamo-nos partícipes do Pentecostes; o Espírito Santo vem habitar dentro de nós para guiar-nos na verdade do evangelho, para santificar-nos, para consolar-nos e para

capacitar-nos para o serviço cristão. Se não nos arrependemos, se não nos voltamos para Deus, se não cremos em Jesus como nosso Salvador e Senhor; se não somos cheios do Espírito (inteiramente submissos a ele), então somos palha... E já sabemos onde toda palha será lançada...

### **Jesus foi o avivalista que mais ensinou**

Cristo estabeleceu o padrão de avivamento por excelência. O preparo específico de novos líderes ou, como se tem dito, o **discipulado**, caracterizou o Avivamento do Mestre dos mestres de todos os avivamentos. Esse deve ser o nosso método, evidentemente. Jesus ordenou àqueles primeiros discípulos e aos membros de sua Igreja em todos os tempos: *“Vão e **discípulos** ... batizando-os... Ensinem esses novos discípulos a obedecerem todas as ordens que eu lhes dei...”* (Mt 28.19-20).

*Éber Lenz César*  
*eberlenzcesar@gmail.com*